
Contribuições de Stáline

para a Ciência Militar e Política Soviética (IX)

Ulrich Huar

Capítulo V

Prússia Oriental – Curlândia

Já referimos a importância das «*direcções secundárias*». Em Janeiro, os exércitos da 3ª Frente Bielorrussa (general Tcherniakhovski) e da 1ª Frente Báltica (marechal Bagramian) combateram no Norte contra os alemães das «*unidades do exército da Curlândia*»¹ e a forte unidade alemã na Prússia Oriental, combates violentos e com muitas baixas. A unidade da Curlândia era constituída por cerca de 300 mil homens e estava fortemente armada com tanques, artilharia e aviões.²

A 3ª Frente Bielorrussa devia derrotar as tropas alemãs em Tilsit e Insterburg e depois avançar para Königsberg.

A 1ª Frente Báltica devia impedir a retirada da unidade da Curlândia, para que não pudesse ser utilizada nas outras frentes. O general de quatro estrelas Guderian, chefe do Alto Comando do Exército, tinha essa intenção, mas não pôde concretizá-la por ordem de Hitler.³

O grande almirante Dönitz escreveu: «*As tarefas colocadas à Marinha – abastecer por mar as partes isoladas da frente do exército alemão com pessoal e material ou transportá-las – foram aumentando permanentemente com o avanço da frente russa...*».

Nestes transportes marítimos, o abastecimento «*da unidade da Curlândia desempenhou um papel especial*».⁴

Fica em aberto se uma retirada da unidade da Curlândia teria sido possível. Bagramian não teria certamente assistido impassível.

¹ A 26 de Janeiro a Unidade do Exército do Centro mudou o nome para Unidade do Exército do Norte e esta para Unidade do Exército da Curlândia.

² Bagramjan, op. cit., p. 432.

³ Heinz Guderian, *Memórias de um Soldado*, IV edição, Neckargemünd, 1960, p. 374 e seg.

⁴ Karl Dönitz, *Dez Anos e Dez Dias. Memórias 1935 – 1945*, 9ª edição, Koblenz, 1985, p. 390 e seg.

A 22 de Janeiro, a 3ª Frente Bielorrussa conseguiu avançar para Königsberg, e a 2ª Frente Bielorrussa (Rokossóvski) alcançou o mar Báltico, a Leste de Elbing.⁵

A 27 de Janeiro iniciou-se o ataque dos exércitos da 1ª Frente Báltica no Memel; a 28 de Janeiro a cidade de Memel tinha sido conquistada. De seguida, a 1ª Frente Báltica continuou o seu ataque na direcção de Liepaja. A unidade alemã da Prússia Oriental ficou separada da unidade da Curlândia.

No combate pelo território de Memel, só a unidade da Curlândia perdeu cinco mil soldados e oficiais, 40 tanques, sete peças de artilharia, 188 lança-granadas, mais de 180 metralhadoras e outro equipamento.⁶

Bagramian e o Quartel-General acreditavam que o exército da Curlândia estaria completamente isolado das forças principais da Wehrmacht, o que se demonstrou erróneo. Ao contrário do 6.º Exército de Paulus em Stalingrado, que se encontrava sob um «cerco de aço», a unidade da Curlândia estava protegida «*de três lados pelo mar*». A unidade da Curlândia podia pôr em combate «*todas as forças numa zona de defesa com 200 quilómetros de largura*», pelo que a concentração operativa de apenas seis quilómetros por divisão era extremamente alta. «*Desta forma, o adversário podia organizar a defesa escalonada em profundidade e ampliá-la de forma sólida. A sua segunda unidade e também a terceira na direcção principal e as suas importantes reservas encontravam-se em condições de conduzir contra-ataques violentos*».

O mar Báltico era a porta através da qual, até ao final da guerra, as tropas alemãs recebiam tudo o que precisavam para a sua acção. «*De Outubro a Dezembro de 1944, a unidade da Curlândia recebeu cerca de três milhões e 570 mil toneladas brutas de reabastecimentos. Nunca lhe faltou nem munições, nem combustível, nem alimentação. A frota do mar Báltico [soviética (N. Ed.)] não possuía força suficiente para bloquear por mar a unidade da Curlândia*».⁷

Nos combates na costa, o Alto Comando ordenava normalmente o desembarque simultâneo de tropas bem preparadas. Foi assim na libertação da Crimeia a partir de Novorossisk.

O Quartel-General contava desembarcar tropas nas costas das unidades da Curlândia, através de Irben-Sun, mas a frota do Báltico não estava preparada para uma operação dessa envergadura, como escreveu Bagramian.⁸ Naquele momento, a relação de forças no mar Báltico não permitiu um tal desembarque.

No início de 1945, a frota do Báltico era constituída por um couraçado, dois cruzadores, 12 contratorpedeiros, 28 submarinos (dos quais 20 em condições operacionais), 78 torpedeiros, cinco navios-patrolha, 73 caça-minas, 220 caça-submarinos pequenos e corvetas, 204 draga-minas e 47 canhoneiras. Parece ser uma poderosa frota, mas a maioria dos caça-submarinos, draga-minas e navios-patrolhas eram barcos de pesca transformados.⁹ A capacidade de voo da frota do Báltico,

⁵ Bagramian, *ibidem*, p. 422, 424 e seg.

⁶ *Idem*, *ibidem*, p. 427.

⁷ *Idem*, *ibidem*, p. 432.

⁸ *Idem*, *ibidem*, p. 432.

⁹ História da II Guerra Mundial, 10/268.

com os seus 781 aviões de combate, podia apoiar as operações de desembarque, mas não podia substituir as lanchas de desembarque.

Devido à enorme destruição das bases das frotas libertadas e bases de apoio, assim como à existência de minas no Golfo da Finlândia, os grandes navios ficaram fundeados em Kronstadt e Leningrado e não participaram nos combates. Em 1945, a parte de leão dos combates na guerra no mar Báltico foi assumida pelos torpedeiros, submarinos e pela aviação naval. «*Devido ao distanciamento das bases de apoio, ao número limitado de caça-submarinos e torpedeiros, assim como à impossibilidade de utilizar os grandes navios de guerra, a frota do Báltico nunca conseguiu bloquear totalmente a unidade da Curlândia e os outros grupos isolados do adversário e cortar a sua ligação ao mar Báltico.*»¹⁰

A marinha de guerra alemã tinha superioridade no Báltico: dois antigos couraçados, o «*Schlesien*» e o «*Schleswig-Holstein*», equipados com artilharia e canhões antiaéreos modernos, quatro cruzadores pesados e quatro leves, entre eles o «*Prinz Eugen*», «*Admiral Scheer*», «*Lützow*», «*Admiral Hipper*» e «*Leipzig*», (os grandes navios de combate não estavam sempre em acção, UH), mais de 200 submarinos, que na verdade não estavam todos em condições de operacionalidade, mais de 30 contratorpedeiros e torpedeiros, 70 lanchas, 64 caça-minas, estes últimos também na sua maioria cúteres e barcos de pesca transformados. Perante uma tal relação de forças, uma tentativa de desembarque de tropas soviéticas nas costas das unidades da Curlândia implicaria elevadas baixas com poucas possibilidades de êxito.

Cárpatos

A 4ª Frente Ucraniana, sob a direcção do comandante em chefe general Ieromenko, integrou a ofensiva da 1ª Frente Ucraniana na direcção de Cracóvia, na sua ala esquerda, a partir de 12 de Janeiro, mas a sua entrada em combate só se deu, na realidade, a 15 de Janeiro. Na manhã de 16 de Janeiro, tropas do 38.º Exército, do comandante em chefe general Moskalenko, ocuparam o entroncamento de Jaslo. Os outros exércitos da 4ª Frente Ucraniana também tiveram de se empenhar para quebrar a forte resistência das tropas alemãs, apesar de Moskalenko ter referido várias vezes que o moral dos soldados alemães já se encontrava abalado. Em cerca de 15 dias, até 29 de Janeiro, o 38.º Exército, «*em colaboração com a ala esquerda da 1ª Frente Ucraniana, tinha rompido a defesa do adversário, iniciado o ataque ao longo da encosta Norte dos Cárpatos, atravessado sete rios – Wislok, Ropa, Biala, Dunajec, Raba, Skawa e Sola – e antecipou-se ao adversário no seu posicionamento defensivo. Tínhamos avançado 250 quilómetros para Ocidente e atingido a região Bielsko-Biala.*»¹¹

¹⁰ Idem, ibidem, p.279. Sobre a guerra no Báltico em 1945 ver Juerg Meister, *A Guerra Marítima em Águas do Leste Europeu 1941 – 1945*, Munique, 1958, pp. 115-135. Na verdade, as fontes de Meister são muito limitadas. Nesta época não podia conhecer material de arquivo publicado mais tarde.

¹¹ Moskalenko, ibidem, p. 520.

As «*frentes secundárias*» desempenharam, assim, um papel significativo nos êxitos das forças armadas soviéticas. Os combates nas frentes secundárias não foram menos difíceis do que os na direcção principal.

Ao atingir a região de Bielsko-Biala, a 4ª Frente Ucraniana terminou a sua participação na operação Vístula-Oder. O Quartel-General atribuiu-lhe uma nova tarefa: atacar na direcção de Moravska-Ostrava, libertar uma das maiores zonas industriais da República da Checoslováquia e assim atingir seriamente a produção de armamento dos fascistas. Seria esta também uma «*direcção secundária*»?

Os resultados da operação Vístula-Oder foram resumidos por Kóniev da seguinte forma: «*A 1ª Frente Bielorrussa e a 1ª Frente Ucraniana, com o apoio activo da 2ª Frente Bielorrussa e a 4ª Frente Ucraniana, avançaram cerca de 600 quilómetros em 23 dias, alargaram a brecha até mil quilómetros, atravessaram o Oder e construíram uma série de testas-de-ponte. Foi assim que a 1ª Frente Bielorrussa chegou à testa-de-ponte de Küstrin, a 60 quilómetros de Berlim.*»¹²

A condução das frentes directamente pelo Quartel-General tinha mostrado o seu valor.

Nos duros combates para romper as linhas de defesa alemãs, os soviéticos também aplicaram novos métodos na direcção da guerra: a introdução de unidades blindadas, assim como a chamada frente «*dupla*», uma «*interior*» no cerco das tropas adversárias e uma «*exterior*», com corredores de ataque na linha da frente do adversário.

Naturalmente que a introdução de novos métodos provocou discussões entre os generais. As operações de guerra não são possíveis sem perdas de vidas humanas. Nenhum general, ainda menos um comandante em chefe, decide de ânimo leve adoptar novos métodos em vez de seguir os métodos com êxitos comprovados. Assim, como conta Kóniev, havia «*hesitações*» no Quartel-General sobre a decisão de introduzir de unidades blindadas logo no primeiro dia do rompimento. Na perspectiva do QG, Kóniev não nomeia Stáline directamente, as unidades blindadas não deviam ser utilizadas na linha da frente contra os principais corredores de defesa do adversário, para evitar elevadas baixas dos tanques. Kóniev era da opinião de que o método de «*rasgar*» a defesa do adversário com a infantaria pertencia à I Guerra Mundial. Na segunda metade da Grande Guerra Pátria, as tropas soviéticas tinham «*todas as possibilidades*» de utilizar tanques e excelentes canhões autopropulsados, logo desde o primeiro dia no rompimento do corredor principal de defesa, como o tinham feito com êxito na operação Vístula-Oder.¹³

Uma particularidade da operação Vístula-Oder consistiu em não liquidar grupos de tropas adversárias, mesmo quando se tratava de «*forças significativas*» que poderiam atacar pelas costas as tropas que avançavam, mas sim continuar a avançar e deixar o cerco para a segunda unidade. Unidades adversárias assim cercadas já não podiam ser perigosas.

¹² Kóniev, *ibidem*, p. 43.

¹³ *Idem*, *ibidem*, p. 21 e seg.

Kóniev abria uma excepção caso as forças cercadas fossem «tropas blindadas e motorizadas móveis»; o «cerco móvel na retaguarda» podia ainda tornar-se perigoso. Kóniev não refere quem deveria derrotar este «cerco móvel». ¹⁴

Förster e Lakowski confirmaram a eficácia desta tática: «*Bem na retaguarda das unidades soviéticas, dois grupos de combate alemães procuravam o resto de duas unidades blindadas que se tinham juntado a pequenos grupos de diferentes unidades para alcançar a salvadora margem ocidental do Oder, e conseguiram fazê-lo entre o final de Janeiro e o início de Fevereiro, mas à custa de baixas muito significativas. Só algumas divisões e grupos do 9.º Exército e do 4.º Exército Blindado puderam escapar à completa eliminação. Entre o final de Janeiro e o início de Fevereiro, as tropas chegaram ao Oder divididas, dizimadas e esgotadas. A Wehrmacht perdeu entre o Vístula e o Oder cerca de 400 mil homens.*» ¹⁵

Na guerra não há «receitas». As unidades alemãs na Curlândia e Prússia Oriental podiam ainda ser perigosas nas costas das forças armadas soviéticas. Pelo menos ocupavam tropas soviéticas que não podiam ser utilizadas na linha da frente para terminar mais rapidamente a guerra e assim poupar vidas humanas.

No seu conjunto as forças armadas soviéticas, nas principais linhas de ataque, foram superiores à Wehrmacht fascista. Mas isto não é válido para todas as secções das frentes. A relação de forças nas «frentes secundárias» não foi sempre favorável às tropas soviéticas. Moskalenko relata que, numa secção do 38.º Exército na frente dos Cárpatos, a relação de soldados era de 1:0,55 a favor do adversário. ¹⁶ Para contrariar a desvantagem, Moskalenko utilizou um método conhecido «já desde as guerras dos antigos gregos»: a concentração de tropas disponíveis num determinado flanco do adversário para alcançar, nessa secção, uma superioridade de forças que provocava a vitória. Moskalenko referia-se ao comandante de Tebas Epaminondas, que, com este método, venceu os espartanos, superiores em número, na batalha de Leukra (371 a.n.E) e uma segunda vez em Mantinea em 362 a.n.E.

Moskalenko cita Friedrich Engels, o primeiro teórico militar marxista, que escreveu sobre a batalha de Leukra: «*Epaminondas foi o primeiro a reconhecer o grande princípio táctico que, até aos dias de hoje, decide quase todas as batalhas: a distribuição irregular das tropas na linha da frente para concentrar o ataque principal num ponto decisivo.*» ¹⁷

¹⁴ Idem, ibidem, pp. 23-25.

¹⁵ Förster/Lakowski, ibidem, p. 39.

¹⁶ Moskalenko, ibidem, p. 487.

¹⁷ Idem, p. 488. Friedrich Engels, *infantaria. Infantaria Grega*, in: MEW 14/343. Engels continua: «*Até aí as batalhas dos gregos tinham-se desenrolado numa ordem paralela; a robustez da linha da frente era igual em todos os pontos. Se o exército adversário era superior em número, ou formava uma ordem de batalha em profundidade ou dominava o outro exército por ambos os flancos. Epaminondas, pelo contrário, determinava um dos seus flancos para o ataque e o outro para a defesa. O flanco de ataque era constituído pelas suas melhores tropas e pela maioria dos seus Hoplitas (Infantaria armada até aos dentes e blindada, UH) formadas em coluna e seguidas por infantaria ligeira e cavalaria. O outro flanco*

Este método não era, portanto, novo, mas a sua utilização demonstra o alto nível teórico dos generais soviéticos, os seus conhecimentos sobre a história da guerra. Novas eram as condições em que era aplicado, que se distinguiam daquelas em que Epaminondas o tinha utilizado pela primeira vez. Assim, escreveu Moskalenko: «*Nos anos da Grande Guerra Pátria, quando milhões de pessoas participavam nos combates com armamento e técnicas eficazes, o problema da concentração de forças tornou-se extraordinariamente difícil. Este princípio ganhou um novo conteúdo. O nosso alto comando aplicou-o frequentemente em operações na frente e conseguiu êxitos assinaláveis. Isto foi muito evidente na batalha de Stalingrado, onde o Exército Vermelho, com um número de forças equivalente, cercou os alemães e liquidou-os.*

As nossas tropas praticaram, com êxito, a concentração de forças em quase todas as operações posteriores, sem que o alto comando fascista tenha uma única vez conseguido opor-se-lhe de uma maneira eficaz. Com o decorrer do tempo, o nosso alto comando, cada vez mais confiante, procurava enfraquecer algumas secções para concentrar tropas noutros pontos. Embora estivesse sempre presente o perigo de o adversário atacar em primeiro lugar na secção da frente enfraquecida, nunca foi capaz de o fazer, já que na maioria dos casos o nosso alto comando concentrou as tropas sabiamente, fazendo-o só no último momento, depois de ter enganado o adversário com manobras de diversão.

Os generais de Hitler, que sofreram derrota após derrota, não queriam admitir que os seus fracassos tinham origem na crescente arte do nosso comandante e na capacidade militar dos nossos soldados. Para se justificarem, os generais nazis referiam, entre outras razões, a superioridade de forças do Exército Vermelho, que na verdade tinha sido conseguida nas direcções principais através de uma sábia concentração de forças.»¹⁸

Este último aspecto é a razão por que as explanações militares de Moskalenko foram pormenorizadamente documentadas.

Com o fim coroado de êxito da operação Vístula-Oder, os soldados do exército soviético conseguiram obter uma forte posição político-militar para as negociações de Stáline na Conferência da Crimeia com os altos comandantes dos aliados, que ele soube aproveitar.

era muito mais fraco e não avançava enquanto a coluna atacante rompia a linha do inimigo e depois ou se virava ou se desdobrava e assim penetrava no seio do inimigo com o apoio das tropas ligeiras e da cavalaria.»

¹⁸ Moskalenko, *ibidem*, p. 488 e segs.

Malta

Churchill e Roosevelt prepararam-se na Conferência de Malta (30 de Janeiro a 2 de Fevereiro de 1945) para o encontro com Stáline em Ialta. Churchill apresentou a Roosevelt os princípios fundamentais sobre os procedimentos militares seguintes das tropas anglo-americanas, afirmando que elas tinham de «*sem dúvida, de ser capazes de aproveitar uma capitulação alemã em Itália para...ocupar uma grande parte da Áustria, JÁ QUE NÃO É DESEJÁVEL DEIXAR OS RUSSOS ENTRAR NA EUROPA CENTRAL MAIS DO QUE O ESTRITAMENTE NECESSÁRIO*».»¹⁹

No pensamento e acção de Churchill, o combate contra a União Soviética já era prioritário em relação à guerra contra os fascistas alemães. Ele também não faz segredo disso nas suas memórias, *A II Guerra Mundial*, não tendo problemas em deturpar e insinuar sobre a política soviética durante a guerra e no pós-guerra.²⁰

Na Conferência de Malta também houve divergências sobre a direcção principal das forças armadas anglo-americanas. O plano de Eisenhower preferia a direcção da Alemanha central, Kassel-Leipzig-Dresden, enquanto Churchill queria atacar a Norte, na direcção de Berlim. Insistiu nisto várias vezes. No final de Março, já depois da Conferência da Crimeia, sublinhava numa carta a Roosevelt: «*Sou por isso da opinião de que, numa perspectiva política, devemos marchar o máximo que pudermos na direcção do Leste alemão e é absolutamente necessário que tomemos Berlim, se estiver ao nosso alcance.*»²¹

Posteriormente ainda criticava a administração americana a este propósito: «*Nessa altura, principalmente Washington devia ter mostrado mais visão.*»²²

Churchill lamentava não ter conseguido impor a sua estratégia de ódio anti-soviética a Eisenhower e Roosevelt. «*Apesar de ainda poderosa, a Grã-Bretanha não conseguia só actuar de forma decisiva.*»²³

A questão é especulativa: como se teria desenrolado o processo histórico se Churchill se tivesse imposto a sua visão a Roosevelt?

Antes de se encontrarem em Ialta para conversações «*amigáveis*» no palácio Livadija, a 4 de Fevereiro, os objectivos estratégicos dos «*Três Grandes*» estavam bem definidos.

¹⁹ Churchill, *ibidem*, 1018. Na edição informa-se: «*Sublinhado posterior do editor.*»

²⁰ *Idem*, *ibidem*, pp. 1042-1045.

²¹ *Idem*, *ibidem*, p. 1042.

²² *Idem*, *ibidem*, p. 1044.

²³ *Idem*, *ibidem*.

Ialta

Pode-se perguntar o que tem a ver a Conferência da Crimeia – assim como as conferências de Teerão e de Potsdam – com a teoria militar e política? As conferências não são objecto da história da diplomacia? São-no, sem dúvida, mas não só. Se a guerra é a continuação da política/diplomacia por outros meios, violentos, então, inversamente, a política/diplomacia também é a continuação da guerra com outros meios, não violentos. O que foi conquistado na guerra pelos vencedores deve ser politicamente reforçado e o que não pode ser alcançado deve posteriormente ser conquistado. As conferências são, neste sentido, reflexão diplomática da guerra. Podiam trazer uma paz duradoura – ou ser preparação para novas guerras. Por isso as conferências também são objecto da teoria e da história militar.

Nas conferências colidiram os interesses de classe antagónicos entre a União Soviética socialista e ambas as potências imperialistas, apesar dos interesses comuns prevaletentes relativamente à derrota da Alemanha fascista. A derrota definitiva da Alemanha era já só uma questão de meses. Já pouco disfarçados na linguagem diplomática, os interesses de classe eram mais visíveis na Conferência da Crimeia do que na Conferência de Teerão. O aspecto político-militar não desapareceu das conversações, porém referia-se cada vez mais ao período do pós-guerra.